

Valor

EU & LIVROS

ECONOMIA GLOBAL

Problemas de um sistema que depende de bolhas

Novas contribuições para o debate sobre as origens e consequências da crise — que não acabou. Por **Cyro Andrade**, de São Paulo

"The Recent Financial Crisis, Financial Regulation and Global Impact"
Edição de Philip Arestis, Rogério Sobreira e José Luis Oreiro. Palgrave. 2 volumes, 512 págs. A publicar.

O fim dos cortes de impostos estabelecidos no governo de George W. Bush deve esquentar a campanha eleitoral deste ano nos Estados Unidos. Não é pouco: o que Barack Obama e o Congresso decidirem pôr no lugar das regras vigentes terá profundas implicações fiscais nos próximos anos. Mais que isso, os debates sobre a questão tributária devem antecipar os contornos da agenda política em aspectos especialmente sensíveis, como o tamanho do governo e os modos de se conduzir a recuperação da economia, ainda mal feita dos efeitos da crise.

Convém acompanhar esse encadeamento de temas, debates e decisões de governo, para avaliar até que ponto ficou raízes no centro do mundo capitalista, a partir da generalizada opção por políticas fiscais ativas, a renovação dos modos de se compreender o que devam ser as relações entre governos e mercados, quando se trata de administrar crises e procurar o caminho da estabilização econômica. Não se está falando, é claro, da salvação de bancos com injeções cíclicas de dinheiro público — artifício de ocasião cuja inevitabilidade nasceu da leniência

com que se via a criatividade operacional dos mercados.

Ideias e propostas para discussão já preenchem inúmeras páginas de "papers" e livros, como este "The Recent Financial Crisis, Financial Regulation and Global Impact". E mais ainda se continuará a produzir, por certo. Não faltam razões: (1) a crise não terminou, e deverá ter efeitos duradouros, principalmente na Europa e Estados Unidos; (2) ainda não se consolidou a compreensão a respeito das origens e possíveis desdobramentos da crise; (3) apenas se ensaia a busca de entendimento sobre o que deva ser uma regulamentação do sistema financeiro global.

De quebra, há o fato de que o pensamento teórico não ortodoxo encontrou, com a crise e as reações a ela de vários governos, o clima de que precisava para ampliar sua presença na argumentação anti-"mainstream" — conquista de que seus portavozes não vão querer abrir mão. É um espaço, esse do mercado de ideias (e influências políticas), em que o confronto de posições teóricas e opiniões sempre será salutar. Para quem pretende formar juízo próprio, a hora é particularmente boa, com possibilidades de comparação antes abafadas pela ortodoxia tida como de validade incontestável. O mundo ficou mais plural.

"The Recent Financial Crisis..." traz novas contribuições para o debate que se originam em áreas



José Luis Oreiro: "A crise não ocorre apenas por falha de regulamentação, mas também por um problema estrutural que é típico do capitalismo"

intelectuais externas ao pensamento e às teorizações convencionais. A oportunidade, diz José Luis Oreiro, um dos editores do livro, é dada pela necessidade de se repor a questão da reforma do sistema financeiro em seu lugar de importância original. "O foco do problema passou a ser a questão fiscal. Claro, é preciso fazer um ajuste na Grécia, na Espanha etc., mas as pessoas estão esquecendo que todo esse 'imbroglio' foi gestado pela desregulação dos mercados, sim, mas conjugada a um padrão de capitalismo que depende de bolhas para o crescimento."

Oreiro recorre o que disse em artigo, a respeito desse padrão, o economista Thomas Palley (que em agosto estará em São Paulo para participar da III Conferência Internacional da Associação Keynesiana Brasileira): "A participação dos salários está em queda, ou seja, a distribuição de renda piora, no mundo, ao mesmo tempo que os países do Sudeste Asiático acumulam superávits em conta corrente e reservas em dólar. Com isso, não há saída para a economia americana que

não seja crescer com base em consumo puxado por endividamento e inflação de ativos. A crise não ocorre apenas por falha de regulamentação, mas também por um problema estrutural."

Da última vez em que o mundo se viu em apuros dessa dimensão foi necessário chegar a uma guerra para o sistema financeiro internacional ser, enfim, reorganizado, lembra Oreiro. Hoje, o caminho possível passa pela recuperação da economia mundial em primeiro lugar, o que dará as condições políticas para, na sequência, se discutir e fazer a reforma. "E para isso serão necessários anos, não alguns meses." Oreiro observa que não se trata apenas de criar um novo sistema financeiro, mas também de instituir uma nova divisão internacional do trabalho, que funcionaria como uma espécie de cunha modificadora do tal padrão de geração de demanda agregada. "Não é mais possível", diz Oreiro, "que os Estados Unidos continuem a ser a única economia compradora de última instância. A China tem que caminhar para elevar seu consumo. A própria Alemanha, por exemplo, tem que repensar seu pa-

Mais vendidos*

Livros de economia e negócios

1º	"O Monge e o Executivo" James C. Hunter, Sextante, R\$19,90	6º	"Marketing Para o Século XXI" Philip Kotler, Ediouro, R\$59,90
2º	"Os Segredos da Mente Milionária" T. Harv Eker, GMT, R\$19,90	7º	"Não Tenha Medo de Ser Chefe" Bruce Tulgan, Sextante, R\$19,90
3º	"A Bola de Neve" Alice Schroeder, Sextante, R\$49,90	8º	"Casais Inteligentes Enriquecem Juntos" Gustavo Cerbas, Gente, R\$34,90
4º	"O Verdadeiro Poder" Vicente Falconi Campos, INDG, R\$40,00	9º	"Descubra Seus Pontos Fortes" Marcus Buckingham / Donald O. Clifton, Sextante, R\$24,90
5º	"Quem Pensa Enriquece" Napoleon Hill, Fundamento, R\$28,60	10º	"Administração Geral e Pública" Idalberto Chiavenato, Campus, R\$14,00

Fonte: Livraria Cultura, Saraiva e Submarino. Elaboração: Valor Data. * Entre 12/07/10 e 18/07/10. Obs: Preços sugeridos pelas editoras.

pel dentro da União Europeia."

Oreiro acha que os governos "estão se deixando levar pelo terrorismo do mercado", que pressiona por uma saída rápida da situação de largueza fiscal que os programas de salvamento e ativação econômica criaram em vários países, a começar pelos Estados Unidos. Não é o caso, diz Oreiro.

"Nos países desenvolvidos como um todo, o setor privado fez seu ajuste, e agora é superavitário. Essa poupança não tem como ser canalizada para as economias emergentes, também superavitárias. Só lhe restam os títulos que financiam os déficits do setor público." Não haveria, portanto, motivo para pressa no acerto fiscal.

IMPRENSA

Ele ajudou a moldar os princípios que construíram o império americano

"The Publisher"
Alan Brinkley. Knopf, 531 págs., US\$ 35

Donald Morrison

Financial Times

Henry Robinson Luce, sobranceiras penteadas e calvície pronunciada, juntou com ditadores, discurso para presidentes e forjou o mais influente e rico império de revistas de todos os tempos. Não tolerava nem um pouco os tolos, os comunistas e os democratas.

Assim a revista "Time" poderia ter descrito Luce em sua prosa seca, um mar escuro como vinho de adjetivos homéricos e hifenados e aliteração exuberante. Luce morreu em 1967 e sua fama se esvaiu, juntamente com a inventividade linguística da "Time". Mas a casa que Luce construiu mantém-se de pé e ele continua sendo talvez o mais fascinante barão da imprensa do século XX. Hearst, Pulitzer, Beaverbrook — nenhum conseguiu igualar o alcance global de Luce, seu fervor ideológico e curiosidade implacável.

Nisto, escreve o historiador Alan Brinkley em sua elegante nova biografia, ajudou o fato de Luce ser americano numa era em que o império dos Estados Unidos estava em ascensão. Brinkley afirma que o conhecido ensaio

escrito por Luce em 1941, intitulado "O Século Americano", definiu a autoimagem do país e estabeleceu o rumo de sua política externa por décadas. Luce escreveu sobre os americanos: "Somos os herdeiros de todos os grandes princípios da civilização ocidental — acima de tudo a justiça, o amor pela verdade, o ideal de caridade. Chegou a nossa vez de ser a potência da qual os ideais irão se espalhar pelo mundo". Luce e suas revistas fizeram campanha para que os Estados Unidos ajudassem postos avançados desses ideais que estivessem com problemas, do Reino Unido na década de 1930 ao Vietnã do Sul na década de 1960.

Luce herdou suas tendências evangelistas na China, onde nasceu em 1898, filho de pais missionários. Só foi conhecer a América quando era adolescente. Em um internato americano e depois em Yale, estudou os clássicos — daí o estilo homérico da "Time" —, juntamente com Briton Hadden, com quem fundou a revista de notícias quando ambos tinham 24 anos. Foi um sucesso imediato. Luce lançou depois a revista semanal "Life", o jornal de negócios "Fortune" e outros títulos populares.

Na década de 1950, as publicações de Luce estavam oferecendo visões da prosperidade america-

na para uma parte substancial da humanidade (a "Life" vendia, sozinho, 7 milhões de cópias ao redor do mundo), e seu proprietário rodou o mundo palestrando para reis e chanceleres.

Luce raramente parecia gostar disso. Formal, sem senso de humor e avesso a conversa fiada, ele atormentava seus editores com perguntas e sugestões intermináveis. Torturado pela culpa por causa do divórcio de sua primeira esposa, uma socialite de Chicago, sofreu até a morte, quando já era casado com a segunda esposa, Clare Boothe Luce, uma editora talentosa, dramaturga, embaixadora dos Estados Unidos na Itália e agitadora de direita.

Luce geralmente concordava com as posições políticas da mulher e suas revistas defendiam despidamente o Partido Republicano e os nacionalistas chineses de Chiang Kai-shek. Mas ele também defendia a igualdade racial, os direitos das mulheres e a lei internacional, tolerava os esquerdistas de seu "staff" e abria suas páginas para espíritos libertários como Archibald MacLeish, William Faulkner, Ernst Hemingway e Winston Churchill.

Brinkley captura com habilidade o glamour do império de Luce na metade do século, quando os jornalistas viajavam de pri-

meira classe e os prédios da "Time-Life" pontilhavam o globo. A televisão e a internet acabaram com tudo. A "Time" e a "Fortune" sobreviveram, mas a "Life" cambaleia como um site da internet. A companhia controladora, a Time Warner, prospera com empreendimentos lançados ou adquiridos depois da morte de Luce. O "Século Americano" acabou com a guerra no Iraque e a crise financeira mundial, todo mundo do mundo fala da China.

Essa reviravolta poderia não deixar Luce descontente, já que ele era chinês de nascimento e há muito havia esposado o tipo de capitalismo robusto que a China hoje personifica à sua própria maneira. Os Estados Unidos podem não estar mais transmitindo valores, mas a longa marcha do mundo em direção à prosperidade é muito parecida com a que Luce imaginava que a providência havia ordenado. Brinkley cita uma paródia que uma revista concorrente fez da "Time" em 1934: arriscando um julgamento da ambição desmedida do então jovem editor, o autor do texto concluía: "Sabe lá Deus onde tudo isso vai terminar".

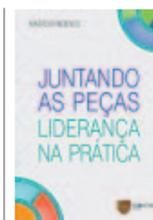
Donald Morrison foi editor da "Time" (Tradução de Mario Zamarian)

Biblioteca



"Economia Brasileira - Da Colônia ao Governo Lula"
Marcos Cordeiro, organizador. Saraiva. 392 páginas, R\$ 78,00

É um livro de finalidades didáticas, que o organizador apresenta "apenas como um ponto de partida, já que a pluralidade das interpretações aqui presentes permite o desenvolvimento de debates que podem viabilizar uma compreensão mais aprofundada e crítica da economia brasileira contemporânea". São autores, além do organizador, os professores Francisco Luiz Corsi, José Marangoni Camargo, Luís Antonio Paulino e Luiz Eduardo Simões de Souza, que assinam 13 capítulos, entre os quais: A criação das bases da industrialização (1930-1945); A crise política dos anos 1960; O governo Figueiredo e a crise da dívida; Os sucessivos e fracassados planos de combate à inflação.



"Juntando as Peças - Liderança na Prática"
Maércio Rezende. Saint Paul. 215 páginas, R\$ 39,00

O autor traz sua experiência como dirigente empresarial, no Brasil e no exterior. Sua proposta é "discutir a liderança no contexto da gerência geral", o que implica compartilhar responsabilidades sobre os resultados financeiros da organização, no contexto de sua posição competitiva. Nessa visão, também explica o autor, "a ideia de liderança vai além do comportamento do líder nas suas relações com outros indivíduos e inclui sua capacidade de fazer escolhas, de organizar e tomar decisões que levem a empresa a um alto nível de desempenho". Como desafio prático, fica para o dirigente o encargo de administrar dilemas e algumas aparentes contradições: democracia e disciplina; inovação e foco; curto e longo prazo; eficiência e criatividade.